

ANC 8

de fiscal

(JORNAL DO BRASIL

ANC P 11

-2 SET 1988

Conversa mineira de véspera

Villas-Bôas Corrêa

As contas do governador Newton Cardoso não batem com a euforia dos constituintes, destoam das comemorações da anunciada revolução da reforma tributária e invertem as parcelas do fortalecimento do Nordeste, com a substancial transferência de verbas para a região.



Pelo que ele diz, não está sozinho na avaliação desconfiada das consequências práticas da aplicação da Constituição que está afinal nascendo, depois de 19 meses angustiosos. Quase todos os governadores, com as cautelas da dissimulação para não bater de frente com a onda de entusiasmos do PMDB, arrancam os cabelos e se preparam para o pior.

Não é muito fácil de entender. Talvez caiba aos especialistas debulhar números para a conclusão inteligível. Pelo risco do raciocínio de um baiano que absorveu todas as artimanhas clássicas da matreirice songamonga do mineiro da literatura e da vida, o governo está deitando e rolando nas aperturas do futuro para, desde logo, desmontar os esquemas de ajuda e repasse de verbas para os estados, cortando muito acima das porcentagens das verbas transferidas pelas novas regras constitucionais. Para ficar em dados redondos, o governo, obrigado a transferir 17%, no desaperto, espertamente, estipula cortes da ordem de 30%. Conversa de governadores transformou-se numa choradeira. Na perplexidade de revelações que viram as expectativas de cabeça para baixo, as esperanças de libertação do calvário humilhante de passar o pires em Brasília,— colhendo esmolas de promessas que brilhavam nos anúncios de ajudas de milhões, mas que nunca,

ou raramente chegavam ao estado, nos cruzeiros chorados da desvalorização inflacionária,— as estimativas preliminares, levantadas pelos órgãos especializados, apontam para o negror de um final de ano de dificuldades multiplicadas e de um 89 de eleição presidencial em clima de horror.

O Nordeste está sendo punido com a crueldade de ilusões que logo se despencarão no precipício de uma realidade amaldiçoada. Os estados mais ricos, como São Paulo e Minas, engolirão os nacos gordos da arrecadação do imposto sobre combustíveis, sobrando para os pobres, migalhas que não darão para asfaltar meia dúzia de quilômetros de estrada ou, sequer para uma conservação decente de velhos caminhos carroçáveis de terra batida.

É possível que a precipitação emocional das estimativas conduza a enganos e que o diabo não seja assim tão horripilante como pinta o Newton Cardoso, usando as tintas fortes das lamentações da maioria, da quase unanimidade dos seus colegas de partido e de angústias. O governador, aliás, confessa-se desafogado. Preparou-se para o que sabia estava sendo embrulhado no papel pardo do engodo e, como está certo que Minas é viável, enxugou a máquina por antecipação, demitindo quadros ociosos aos milhares, cortando gorduras com a privatização para valer e a desativação de serviços inúteis. Seu programa de obras está sendo custeado com recursos do Estado.

Mas, a denúncia é grave, merece ser aprofundada. Pelas suas repercussões em várias escalas. Não apenas na governabilidade de estados e municípios mas na faixa política. Afinal, a Constituição que o doutor Ulysses Guimarães tocou com paixão obsessiva nas votações do segundo turno, está sendo aviada para a sustentação de múltiplos projetos, empilhados no canto da ambição: a da reabilitação da Constituinte e, de lambuja, dos parlamentares; do PMDB ullyssista, que tucanou para conter e esvaziar a dissidência acampada no PSDB e, no cimo

do monte, a viabilização da candidatura do onipresente doutor Ulysses, com esquema de campanha pronto e aviões postos à disposição para começar a correr as bases logo depois da festança da promulgação.

Vindo à tona, a rebelião que roncava, surda e abafada, nos esconsos do PMDB, desvenda que a candidatura de Ulysses não transitará, por entre os aplausos da unanimidade, nos sulcos abertos pela arrancada final da Constituinte.

Há outras pretensões que parecem inarredáveis e incrédulas do favoritismo que hoje doura o sonho, duas vezes adiado, de Ulysses. Candidatura montada-se nas entranhas do partido, em acertos fechados em cima do mapeamento dos convencionais. Ganhar convenção é uma arte que se aprende no exercício da militância. Campanha para uma possível eleição dupla — novidade dos dois turnos — é um outro departamento.

A candidatura mineira necessita as estacas de sustentação de um resultado de impacto nacional nas eleições municipais de 15 de novembro. Se ganhar, como assegura, em 80% dos mais de 700 municípios do estado e conseguir a proeza, reconhecidamente difícil, de virar Belo Horizonte, Newton Cardoso estará equipado para arriscar o salto. As lideranças do PMDB estão em apuros, esmagadas pela inflação, corroidas por desavenças locais. A principiar por São Paulo.

Ambição quando embala não olha para os lados nem reconhece obstáculos.

Basta uma conversa com Newton Cardoso para perceber a profunda determinação de jogar duro e pesado na briga do PMDB. Passando por cima dos títulos de Ulysses e dos trunfos da Constituição dos avanços sociais, da ampliação dos direitos individuais e coletivos, da afirmação federativa, com o fortalecimento dos estados e municípios. Que, pelo visto, não é exatamente assim. Muito pelo contrário.